

O TOTALITARISMO NAS OBRAS DE GEORGE ORWELL: EXPLICADOS PELOS CONCEITOS DE HANNAH ARENDT

TOTALITARIANISM IN THE WORKS OF GEORGE ORWELL: EXPLAINED THROUGH HANNAH ARENDT'S CONCEPTS

 <https://doi.org/10.63330/sasciencesv6n2-108>

Submetido em: 22/07/2026 e Publicado em: 31/07/2026

SAS: e26329

Terezinha de Cássia Musskopf Dörr

Mestranda em letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo

Greicon Wagner Vogelmann Becker

Doutorando em História, do Programa de Pos-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo

Resumo

Este artigo analisa as representações do totalitarismo nas obras principais de George Orwell — *1984*, *A Revolução dos Bichos* e *Dias na Birmânia* — à luz dos conceitos teóricos desenvolvidos por Hannah Arendt em *As Origens do Totalitarismo* e outros textos fundamentais. A pesquisa adota uma abordagem interpretativa e comparativa, buscando demonstrar como as narrativas orwellianas materializam, por meio da ficção e da experiência vivida, os mecanismos de dominação totalitária descritos por Arendt: a atomização das massas, a destruição da esfera pública, a manipulação da verdade, o terror sistemático e a transformação do ser humano em um "ser supérfluo". O estudo revela que, embora Orwell e Arendt tenham trajetórias e perspectivas distintas, ambos compartilham uma preocupação central com a ameaça do totalitarismo à liberdade humana e à dignidade política, oferecendo contribuições complementares para a compreensão desse fenômeno histórico e político.

Palavras-chave: Dominação política; George Orwell; Hannah Arendt; Liberdade; Totalitarismo; Verdade.

Abstract

This article analyzes the representations of totalitarianism in George Orwell's major works—*1984*, *Animal Farm*, and *Burmese Days*—in light of the theoretical concepts developed by Hannah Arendt in *The Origins of Totalitarianism* and other fundamental texts. The research adopts an interpretative and comparative approach, seeking to demonstrate how Orwellian narratives materialize, through fiction and lived experience, the mechanisms of totalitarian domination described by Arendt: the atomization of the masses, the destruction of the public sphere, the manipulation of truth, systematic terror, and the transformation of



the human being into a "superfluous being." The study reveals that, although Orwell and Arendt have distinct trajectories and perspectives, both share a central concern with the threat of totalitarianism to human freedom and political dignity, offering complementary contributions to the understanding of this historical and political phenomenon.

Keywords: Freedom; George Orwell; Hannah Arendt; Political domination; Totalitarianism; Truth.

1 INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado pelo surgimento e expansão de regimes totalitários que representaram uma das maiores ameaças à liberdade humana e à democracia moderna. Entre os pensadores e escritores que dedicaram suas obras a analisar e denunciar esse fenômeno, destacam-se George Orwell e Hannah Arendt. Orwell, por meio de suas ficções políticas e relatos de experiência, criou representações icônicas do totalitarismo que se tornaram referências culturais e políticas. Arendt, por sua vez, desenvolveu uma das mais influentes teorias sobre as origens e a natureza do totalitarismo, baseada em uma análise histórica e filosófica profunda.

As obras de George Orwell, são obras que desnudam o totalitarismo, de uma forma muito precisa, nos anos 1940, período na qual o stalinismo e o nazismo estavam no seu auge. Mesmo *1984* tendo sido uma obra publicada após a queda do regime nazista, chama a atenção a erudição de George Orwell aos descrever com riqueza de detalhes a natureza dos regimes autoritários, como por exemplo os métodos de manipulação, de repressão e de controle total da sociedade. As obras de Orwell elas dialogam com as Hannah Arendt, pois as obras Orwell esmiuçam, detalham as características do Stalinismo, do nazismo através de uma obra literária, um texto de ficção. Arendt estuda a natureza desses regimes, através de um texto de caráter histórico, filosófico, e de crítica política. Ambos os autores identificam a sistemática desses regimes totalitários, mas de formas distintas

Apesar da importância individual de ambos, poucos estudos acadêmicos buscam articular sistematicamente as representações orwellianas do totalitarismo com os conceitos teóricos arendtianos. Este artigo pretende preencher essa lacuna, investigando como as obras de Orwell podem ser interpretadas e explicadas por meio das categorias desenvolvidas por Arendt. A hipótese central é que as narrativas orwellianas não apenas ilustram, mas também aprofundam a compreensão dos mecanismos de dominação totalitária descritos por Arendt, ao dar corpo e experiência humana a processos abstratos.

Para alcançar esse objetivo, o artigo está estruturado em cinco seções principais. Na primeira, apresenta-se o contexto histórico e intelectual em que Orwell e Arendt escreveram, destacando as semelhanças e diferenças em suas trajetórias e perspectivas. Na segunda, analisa-se o conceito de totalitarismo em Arendt, com foco em seus elementos fundamentais: a atomização das massas, a destruição



da esfera pública, a manipulação da verdade e o terror sistemático. Na terceira, examina-se a representação do totalitarismo em *1984*, mostrando como os mecanismos descritos por Arendt se materializam na Oceânia. Na quarta, analisa-se *A Revolução dos Bichos* como uma alegoria da revolução russa, à luz dos conceitos arendtianos sobre a traição da revolução e a transformação da liderança em dominação. Na quinta, discute-se *Dias na Birmânia* como um relato da dominação colonial, que Arendt considerou uma das origens do totalitarismo, mostrando como a experiência colonial antecipa mecanismos de dominação que se desenvolveriam plenamente nos regimes totalitários do século XX. Na conclusão, sintetiza-se os principais resultados do estudo, destacando a relevância contemporânea das reflexões de Orwell e Arendt sobre o totalitarismo.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E INTELECTUAL: ORWELL E ARENDT DIANTE DO TOTALITARISMO

George Orwell (1903-1950), pseudônimo de Eric Arthur Blair, foi um escritor, jornalista e ensaísta britânico. Sua obra é marcada por uma forte crítica social e política, influenciada por sua experiência como oficial da polícia britânica na Birmânia, sua participação na Guerra Civil Espanhola e sua oposição ao fascismo e ao stalinismo. Orwell escreveu *1984* (1949) e *A Revolução dos Bichos* (1945) como alertas contra o totalitarismo, tanto de direita quanto de esquerda, que ele considerava uma ameaça à liberdade humana. Suas obras são caracterizadas por uma linguagem clara e acessível, e por uma capacidade única de transformar ideias políticas complexas em narrativas envolventes.

Hannah Arendt (1906-1975) foi uma filósofa e teórica política alemã-judia, que fugiu do nazismo e se estabeleceu nos Estados Unidos. Sua obra *As Origens do Totalitarismo* (1951) é considerada um marco na análise do fenômeno totalitário, no qual ela examina o nazismo e o stalinismo como formas de dominação inéditas na história humana. Arendt argumenta que o totalitarismo não é apenas uma forma de ditadura ou tirania, mas um sistema que busca controlar todos os aspectos da vida humana, destruindo a liberdade e a individualidade. Sua teoria é baseada em uma análise histórica, filosófica e sociológica, e ela desenvolveu conceitos fundamentais como "atomização das massas", "esfera pública", "banalidade do mal" e "ser supérfluo".

Embora Orwell e Arendt tenham tido trajetórias e perspectivas distintas, eles compartilharam uma preocupação central com o totalitarismo e uma defesa da liberdade humana. Ambos testemunharam os horrores do século XX — a Primeira Guerra Mundial, a ascensão do fascismo, a Segunda Guerra Mundial, o Holocausto e a Guerra Fria — e suas obras são respostas a esses eventos. Ambos também criticaram a tendência dos regimes totalitários de manipular a verdade, destruir a individualidade e subjugar as massas. No entanto, enquanto Orwell se expressou principalmente por meio da ficção e do relato de experiência, Arendt desenvolveu uma teoria sistemática e abstrata sobre o totalitarismo.



Outra diferença importante entre eles é a sua perspectiva sobre a revolução. Orwell, embora tenha sido um socialista democrático, criticou a traição da revolução pelos líderes totalitários, como porcos em *A Revolução dos Bichos*. Arendt, por sua vez, viu a revolução como um momento de fundação da liberdade, mas também alertou para o risco de que as revoluções se transformem em regimes totalitários, como aconteceu com a Revolução Russa. Apesar dessas diferenças, as obras de Orwell e Arendt se complementam, oferecendo uma compreensão mais ampla e profunda do totalitarismo.

3 O CONCEITO DE TOTALITARISMO EM HANNAH ARENDT: ELEMENTOS FUNDAMENTAIS

Em *As Origens do Totalitarismo*, Arendt define o totalitarismo como uma forma de dominação política inédita, que se distingue de outras formas de tirania e ditadura por sua ambição de controlar todos os aspectos da vida humana, não apenas a ação política, mas também o pensamento, a emoção e a vida privada (1999). Arendt argumenta que o totalitarismo surge em contextos de crise social e política, onde as massas se sentem desamparadas e alienadas, e são atraídas por movimentos que prometem resolver seus problemas e dar-lhes um sentido de pertencimento (1999).

Um dos elementos fundamentais do totalitarismo, segundo Arendt, é a atomização das massas. Os regimes totalitários buscam destruir todas as formas de associação e organização social intermediárias — como sindicatos, partidos políticos, igrejas e associações civis — que poderiam servir como contrapoder ao Estado. Ao atomizar as massas, o regime torna os indivíduos isolados e vulneráveis, incapazes de se organizar para resistir à dominação. Os indivíduos atomizados se sentem supérfluos e sem sentido, e são facilmente manipulados pelo regime, que lhes oferece um sentido de propósito e pertencimento por meio da ideologia e do movimento (1999).

Outro elemento fundamental do totalitarismo é a destruição da esfera pública. Arendt distingue entre a esfera pública, onde os indivíduos se reúnem para discutir questões políticas e exercer a liberdade, e a esfera privada, onde cada um vive sua vida pessoal e familiar. Os regimes totalitários buscam destruir a esfera pública, pois ela é o espaço onde a liberdade e a democracia podem se desenvolver. Em seu lugar, o regime cria uma esfera pública falsa, onde apenas as ideias e os valores do regime são permitidos, e onde os indivíduos são obrigados a participar de manifestações e cerimônias que celebram o poder do Estado. A destruição da esfera pública também implica a destruição da privacidade, pois o regime busca controlar todos os aspectos da vida dos indivíduos, mesmo os mais íntimos.

A manipulação da verdade é outro elemento central do totalitarismo, segundo Arendt. Os regimes totalitários não reconhecem a existência de uma verdade objetiva e independente; em vez disso, eles buscam moldar a realidade de acordo com seus interesses e ideologias. Para isso, eles usam uma série de mecanismos, como a propaganda, a censura, a falsificação da história e a criação de uma "linguagem nova"



que limita o pensamento e a expressão. A manipulação da verdade tem como objetivo tornar os indivíduos incapazes de distinguir entre a verdade e a mentira, e de formar uma opinião própria. Quando a verdade é manipulada, os indivíduos perdem o contato com a realidade e se tornam mais vulneráveis à dominação do regime.

O terror sistemático é também um elemento fundamental do totalitarismo, segundo Arendt. Os regimes totalitários usam o terror não apenas para punir os opositores, mas também para manter os indivíduos em um estado de medo e submissão. O terror é aplicado de forma arbitrária e indiscriminada, de modo que ninguém se sente seguro, mesmo aqueles que são leais ao regime. O terror também serve para destruir a solidariedade entre os indivíduos, pois cada um tem medo de ser denunciado por outro. Além disso, os regimes totalitários usam campos de concentração e extermínio como laboratórios para testar a dominação total sobre os seres humanos, transformando-os em "seres supérfluos" que não têm nenhum valor ou significado (1999).

Finalmente, Arendt destaca o papel da ideologia no totalitarismo. As ideologias totalitárias — como o nazismo e o stalinismo — oferecem uma explicação simplista e dogmática da história e da realidade, e prometem resolver todos os problemas da humanidade. As ideologias são baseadas em uma lógica interna que não se preocupa com a realidade, mas apenas com a consistência do sistema. Elas são usadas para justificar a dominação do regime e para convencer as massas a apoiá-lo. As ideologias também servem para criar uma divisão entre os "amigos" e os "inimigos" do regime, e para justificar a perseguição e a eliminação dos inimigos (1999).

4 O TOTALITARISMO EM 1984: A MATERIALIZAÇÃO DOS MECANISMOS ARENDTIANOS

1984 é, sem dúvida, a obra mais famosa de Orwell, e uma das representações mais impactantes do totalitarismo na literatura. A história se passa na Oceânia, um superestado totalitário governado pelo Partido, liderado por uma figura misteriosa chamada Grande Irmão. O protagonista, Winston Smith, é um membro do Partido Externo que trabalha no Ministério da Verdade, onde sua função é alterar documentos e notícias para adaptá-los à versão da realidade apresentada pelo Partido. Ao longo da história, Winston tenta resistir ao domínio do Partido, mas acaba sendo capturado, torturado e convertido (2004).

A Oceânia de *1984* materializa perfeitamente os elementos do totalitarismo descritos por Arendt. Primeiramente, observa-se a atomização das massas. O Partido destruiu todas as formas de associação e organização social intermediárias, e os indivíduos vivem isolados uns dos outros, com medo de se comunicar ou se relacionar livremente. Os membros do Partido são vigiados constantemente pelas teletelas, dispositivos que transmitem e recebem imagens e sons, e que estão presentes em todos os lugares — em casas, escritórios, ruas e espaços públicos. A vigilância constante torna os indivíduos atomizados e vulneráveis, incapazes de se organizar para resistir ao Partido. Os proletas, a maioria da população, também



vivem em um estado de atomização, embora a vigilância seja menos intensa entre eles. Eles são mantidos em condições de miséria e ignorância, e o Partido os manipula por meio de entretenimento barato, álcool e propaganda (2004)

A destruição da esfera pública também é evidente em *1984*. A Oceânia não tem uma esfera pública verdadeira, onde os indivíduos possam discutir questões políticas e exercer a liberdade. Em seu lugar, o Partido criou uma esfera pública falsa, onde apenas as ideias e os valores do Partido são permitidos. Os indivíduos são obrigados a participar de manifestações, cerimônias e atividades que celebram o poder do Partido e o Grande Irmão. A destruição da esfera pública também implica a destruição da privacidade: o Partido busca controlar todos os aspectos da vida dos indivíduos, mesmo os mais íntimos. As teletelas, as escutas e os informantes fazem com que ninguém tenha um espaço seguro onde possa ser ele mesmo (2004).

A manipulação da verdade é um tema central em *1984*, e corresponde perfeitamente aos conceitos arendtianos. O Partido não reconhece a existência de uma verdade objetiva; em vez disso, ele altera documentos, notícias, livros e registros históricos para adaptá-los à sua versão da realidade. O Ministério da Verdade, onde Winston trabalha, é um símbolo dessa manipulação: sua função é "corrigir" a informação para que ela esteja de acordo com as mudanças na política do Partido. Por exemplo, se o Partido declara que a Oceânia está em guerra com a Eurásia, todos os registros anteriores que indicam que a Oceânia estava em guerra com a Lestásia são alterados ou destruídos. O Partido também usa a "novilíngua", uma linguagem artificial que limita o número de palavras e o alcance do pensamento, para tornar mais difícil para os indivíduos expressar ideias contrárias ao Partido. A manipulação da verdade em *1984* tem como objetivo tornar os indivíduos incapazes de distinguir entre a verdade e a mentira, e de formar uma opinião própria — um processo que Arendt chamou de "destruição da capacidade de julgar". (2004)

Sobre o processo da chamada novafala. Isso é um dos processos mais curiosos da escrita de Orwell sobre *1984*, ou seja, a ideia central era tentar criar uma forma de eliminar o pensamento humano elaborado. Ou seja, a partir da destruição de palavras, criam-se outros que substituem as anteriores. É um processo meticulosamente arquitetado, para impedir as pessoas que viviam na ditadura do Grande Irmão de se manifestarem contrariamente ao sistema Estatal criado em Oceania. Ouseja primariamente para funcionar de uma forma ordenada e consistente, no nosso cérebro necessita de uma linguagem. A linguagem verbal, se faz com palavras, anulando as palavras existentes e criando outras, automaticamente, anula-se a capacidade as pessoas pensarem. Pois sem o domínio do vocabulário, as pessoas não conseguem expressar ideias mais sofisticadas. Basicamente as pessoas, elas viram massa de manobra. O pensamento passa a ser dominado pelo partido. E as pessoas reagem de forma conivente e instintiva a todas resoluções e projetos implementados pelo partido, o trecho abaixo demonstra a ideia da destruição das palavras, apresentadas em *1984*,



A Décima Primeira Edição é a edição definitiva”, disse. “Estamos dando os últimos retoques na língua — para que ela fique do jeito que há de ser quando ninguém mais falar outra coisa. Depois que acabarmos, pessoas como você serão obrigadas a aprender tudo de novo. Tenho a impressão de que você acha que nossa principal missão é inventar palavras novas. Nadadisso! Estamos destruindo palavras — dezenas de palavras, centenas de palavras todos os dias. Estamos reduzindo a língua ao osso. A Décima Primeira Edição não conterà uma única palavra que venha a se tornar obsoleta antes de 2050.” (2003, p.55).

Eliminar o pensamento, essa é ideia dos burocratas do partido que governam Oceania. Sem pensamento, não há manifestações, problemas, oposição. É a construção clássica da distopia Orwelliana, ou seja, existe a Utopia de, Thomas More, de 1516, na qual o autor Inglês construiu uma obra, na qual a humanidade viveria sobre um mundo próximo da perfeição, onde o altruísmo e a harmonia social reinariam. Ao contrário de More, Orwell, constrói através de *1984*, um mundo oposto, onde a violência, a vigilância extrema e a manipulação, criam um mundo opressivo e inescapável para quem vive em Oceania (2004).

Arendt, desenvolve muitas ideias sobre a banalização do mal. Esse seu conceito foi criado após ela acompanhar o julgamento do criminoso nazistas, responsável por cuidar do transporte, deportação dos Judeus para os campos de extermínio Adolf Eichmann. Eichmann era um burocrata, fiel ao partido. Que não se enxergava como um criminoso, mas apenas um funcionário que realizava um trabalho burocrático. Arendt acompanhou, como repórter da revista americana *The New Yorker*, em 1961. Ela publicaria em 1963, o clássico livro *Eichmann em Jerusalém*, na qual ela observava que Eichmann não era uma pessoa claramente má, mas como alguém que seguia ordem, sem pensar inquestionavelmente. Sua definição sobre quem era Eichmann era a seguinte “Apesar de todos os esforços da promotoria, todo mundo percebia que esse homem não era um “monstro”, mas era difícil não desconfiar que fosse um palhaço” (2013, p. 61) . Ou seja, apesar de todo o clamor midiático em Israel, para classificar Eichmann como um terrível criminoso, Arendt, via indicativos de que Eichmann, era um homem comum, e que não julgava o que estava ocorrendo nas câmeras de gás. o que demonstra que pessoas comuns, que tem família e tem uma vida padrão ,mas quando envolvidos de um regime totalitário também podem cometer crimes imperdoáveis (2004).

O terror sistemático também é onipresente em *1984*. O Partido usa a Polícia do Pensamento, uma força secreta que persegue e puni aqueles que pensam ou agem de forma contrária ao Partido. O terror é aplicado de forma arbitrária e indiscriminada: ninguém se sente seguro, mesmo aqueles que são leais ao Partido. Os indivíduos podem ser presos, torturados e executados por qualquer motivo, ou por nenhum motivo. Os campos de concentração, mencionados na obra, são lugares onde os opositores do Partido são enviados para serem trabalhados até a morte ou exterminados. O terror em *1984* serve para manter os indivíduos em um estado de medo e submissão, e para destruir a solidariedade entre eles.

Finalmente, a ideologia do Partido em *1984* corresponde aos conceitos arendtianos. A ideologia do Partido é baseada em três princípios: "Guerra é Paz", "Liberdade é Escravidão" e "Ignorância é Força". Esses princípios são dogmáticos e contraditórios, mas eles são apresentados como verdades absolutas. A



ideologia do Partido oferece uma explicação simplista da realidade, e promete resolver todos os problemas da humanidade por meio da dominação total. Ela também cria uma divisão entre os "amigos" do Partido e os "inimigos" — como os membros da Irmandade, uma organização secreta que supostamente resiste ao Partido — e justifica a perseguição e a eliminação dos inimigos

5 A REVOLUÇÃO DOS BICHOS: A ALEGORIA DA TRAIÇÃO DA REVOLUÇÃO À LUZ DOS CONCEITOS ARENDTIANOS

Se *1984* representa o totalitarismo em seu estado consolidado e opressivo, *A Revolução dos Bichos* (1945) oferece uma análise de seu processo de gênese: a corrupção de um movimento revolucionário que, inicialmente, visava à liberdade e à igualdade. À luz da teoria arendtiana, esta obra pode ser lida não apenas como uma crítica ao stalinismo, mas como um estudo sobre como a revolução — que para Arendt é o momento da fundação da liberdade — pode degenerar em um novo tipo de dominação.

Na obra *A revolução dos bichos*, Orwell, é uma sátira da revolução russa inclusive, pela forma, na qual fazenda, propriedade rural, representa a Rússia czarista, o Senhor Jones, nessa alegoria que Orwell faz sobre a Rússia czarista representa, Nicolau II, imperador russo que será derrubado pela revolução de 1917. Assim como na Rússia czarista, onde os homens vivem em uma condição de carestia, de maus tratos e de exploração. Quando os animais se revoltam e expulsam Senhor Jones, e tomam o controle da fazenda, isso é uma associação direta com a queda do Czar Nicolau II e meses mais tarde em novembro de 1917, a tomada do poder dos bolcheviques (comunistas). No início os animais estão esperançosos. Os animais eles representariam o que seria a população na revolução russa, principalmente operários e camponeses. Nessa fazenda os animais como podemos observar, tem características humanas, eles pensam, falam, tem sentimentos, trabalham. Mas nessa fazenda os animais mais inteligentes são os porcos, uma sátira de Orwell, em relação aos líderes da revolução russa, vistos como sujos e maus cheirosos no interior de seus caracteres. É curioso observar essa sátira escrita por Orwell, claramente, ele critica como as pessoas antes e após a revolução russa passaram por um processo de animalização. O seja as pessoas foram desumanizadas, descaracterizadas como humanas. O seja a extrema exploração do trabalho e a falta de direitos como liberdade, e dignidade na ótica de Orwell, eram nítidas. Fora os métodos violentos, de prisões, julgamentos arbitrários, fuzilamentos, repressão policial. No caso da Rússia Soviética, os camponeses foram reunidos em fazendas coletivas ou estatais e eram responsáveis por entregar quase a totalidade da produção agrícola, sob risco, caso se negassem a realizarem esse procedimento de serem até mesmo assassinados. Orwell descreve esse processo na *Revolução dos bichos*, em relação as exigências de entregar as quotas de produção solicitadas (2007).

Nessa alegoria construída por Orwell, o porco Major, era o grande ideólogo da revolução, ele morre antes da revolução estourar. Claramente o porco major, representava liderança de Lenin, o grande ideólogo



da revolução russa. Como os porcos eram os principais líderes da revolução e os mais inteligentes. Iniciou-se uma disputa o porco Bola de Neve, visto um grande organizador, e Napoleão, um porco maquiavélico, manipulador. Bola de Neve seria a personificação de Torstky líder da revolução russa e organizador do Exército vermelho e Napoleão a personificação de Stalin. A exemplo de Stalin, que orchestra um plano de manipulação para expulsar Trotsky da liderança do partido, Napoleão faz o mesmo com Bola de Neve que é expulso da fazenda. Como o tempo Napoleão, a exemplo de Stalin vai ganhando, e vai exercendo sua influência. Na obra *A revolução dos bichos*, as galinhas, os cavalos representam os trabalhadores. No caso dos cavalos, o exemplo mais vivido do livro, é Samsão um cavalo muito trabalhador, que não questiona a autoridade Napoleão e vive repetindo mecanicamente que Napoleão tem sempre razão. Samsão faz longos e exaustivos trabalhos na fazenda, ele sabe poucas letras do alfabeto. Samsão claramente personifica um trabalhador braçal, mais especificamente um camponês, semianalfabeto. Vale lembrar que quando os bolcheviques assumiram o poder, a ampla maioria da população residia no campo, em aldeias semifeudais, tem praticamente nenhum acesso a estudos mais tensos, a maioria da vezes mal eram alfabetizados. Assim como o senhor Jones que tinha uma condição privilegiada, na fazenda. Os porcos também tinham, a famosa frase Orwell, sobre alguns animais serem mais iguais que outros identifica isso. Os porcos residiam em cômodos mais confortáveis, A exemplo dos líderes bolcheviques que quando assumiam o poder estabeleceram, entre si, uma rede de privilégios. Como Stalin, Napoleão vai se tornando cada vez mais autoritário e paranoico. Faz acordos com os fazendeiros da região, antes visto como inimigos. Uma referência evidente ao pacto da Rússia Soviética, com a Alemanha Nazista em agosto de 1939, na qual é acordado a divisão da Polônia entre os países, vistos até então como inimigos. A exploração do Trabalho, com longuíssimas jornadas de trabalho para os animais, que tentam tornar a fazenda mais produtiva e prospera, é uma relação direta com o períodos dos planos quinquenais de Stalin na qual, o ditador soviético, coloca em prática um programa intensivo de industrialização, que faz a Rússia Soviética se desenvolver economicamente rapidamente, mas a um custo humano brutal. No fim do livro os porcos se assemelham cada vez mais aos humanos, fazendo acordo com eles. Por fim Orwell, tenta construir a ideia de que o de igualdade da revolução russa, não se promoveu da forma esperada e sim se edificou um sistema corrupto, desvirtuado dos seus valores originais e muito semelhante ou até superior em escala de opressão e violência a Rússia Czarista. Em síntese o autor revela na sua obra a Revolução dos bichos a sua decepção com os bolcheviques, e admite que a natureza humana, carrega sempre um conjunto de ambições, vaidades, que corrompem muitas vezes os inspiradores valores originais da revolução (2007).

Arendt, sobre a Revolução, distingue o processo revolucionário, que busca instituir a liberdade na esfera pública, da tomada de poder que visa apenas à substituição de uma elite por outra. Em *A Revolução dos Bichos*, a Granja Manor representa inicialmente o espaço da opressão humana (a tirania do fazendeiro Jones). A revolta dos animais inaugura a "Granja dos Bichos", um espaço onde se pretende construir uma



sociedade baseada na igualdade e na autonomia. No entanto, conforme a narrativa avança, observa-se a gradual usurpação do poder pelos porcos, liderados por Napoleão (2010).

Aqui, o conceito arendtiano de atomização das massas se manifesta de forma processual. Inicialmente, os animais estão unidos em torno do ideal revolucionário. Contudo, à medida que os porcos consolidam seu poder, eles destroem os laços de solidariedade que uniam os animais. A eliminação dos debates na assembléia geral, a monopolização da informação por meio de Squealer (o propagandista) e a eliminação física dos "inimigos" — animais que ousam questionar a liderança ou que são acusados de traição — fragmentam o grupo. Os animais passam a viver em desconfiança uns dos outros, isolados e incapazes de organizar uma resistência coletiva, transformando-se em uma massa atomizada, vulnerável à manipulação.

Arendt também alerta para o perigo da confusão entre o poder (que é sempre algo coletivo, gerado pela ação em comum na esfera pública) e a força ou violência (que é inerente ao indivíduo ou ao aparelho de Estado). Em *A Revolução dos Bichos*, vemos a transformação do poder revolucionário — que emanava da ação conjunta dos animais — em violência institucionalizada nas mãos dos porcos. A apropriação da casa do fazendeiro, o uso dos cachorros como polícia secreta e a alteração dos "Sete Mandamentos" são símbolos dessa transformação. A máxima final, "Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que outros", encapsula a destruição da esfera pública igualitária e a criação de uma hierarquia rígida, onde a lei e a verdade são subordinadas aos interesses da casta dominante.

Além disso, a obra ilustra a manipulação da verdade e o papel da ideologia, conforme descrito por Arendt. Os porcos não alteram apenas as regras escritas, mas também a memória coletiva. Eles convencem os animais de que as coisas estão melhores do que antes, mesmo quando as condições de trabalho e vida pioram, utilizando uma lógica ideológica que se fecha em si mesma e dispensa a verificação da realidade. O final da obra, onde os animais olham através da janela e não conseguem distinguir os porcos dos homens, sugere que o novo regime totalitário não difere fundamentalmente da velha tirania que derrubou, pois ambos se baseiam na mesma estrutura de dominação e exclusão.

6 DIAS NA BIRMÂNIA: A DOMINAÇÃO COLONIAL COMO ANTECEDENTE DO TOTALITARISMO

Em *As Origens do Totalitarismo*, Arendt traça uma linha de continuidade entre o imperialismo colonial do século XIX e o surgimento dos regimes totalitários no século XX. Ela argumenta que a experiência de dominação sobre povos colonizados, onde as regras da lei e da moralidade europeias eram suspensas em nome da "missão civilizatória" ou do interesse econômico, serviu como um laboratório para técnicas de administração e dominação que seriam posteriormente aplicadas dentro das próprias nações europeias. Dias na Birmânia (1934), obra baseada na experiência pessoal de Orwell como oficial da polícia



britânica na Índia britânica, oferece um retrato vívido dessa "geografia da dominação" que Arendt analisa (1999).

A cidade de Kyauktada, cenário do romance, é um espaço profundamente dividido, refletindo a lógica da dominação colonial. Existe a zona europeia, com seu clube exclusivo, casas confortáveis e uma sensação de superioridade racial, e a zona nativa, com suas ruas estreitas, mercados caóticos e moradias precárias. Para Arendt, o imperialismo criou uma divisão entre "nós" e "eles" que é anterior à divisão totalitária entre "amigos" e "inimigos". No romance, essa divisão é absoluta: os europeus ocupam os espaços de poder e prestígio, enquanto os birmaneses são tratados como súditos, sem voz política ou autonomia (2011).

A obra ilustra como a dominação colonial se apoia em muitos dos elementos que Arendt identificaria no totalitarismo, embora de forma ainda não sistematizada. Há a destruição da esfera pública nativa: as instituições políticas locais são substituídas por uma administração estrangeira que não responde aos interesses da população. Há também a manipulação da verdade e a hipocrisia ideológica: o domínio britânico é justificado como uma "missão civilizatória", mas na prática, serve aos interesses econômicos e de poder da metrópole. O protagonista, Flory, um europeu desiludido, percebe essa hipocrisia, mas é incapaz de romper completamente com sua própria classe, revelando a maneira como a dominação colonial corrompe tanto o dominador quanto o dominado. (2011).

Além disso, Orwell descreve o clima de desconfiança, denúncia e violência que permeia a sociedade colonial, elementos que seriam centrais nos regimes totalitários. A figura do Dr. Veraswami, um médico indiano que tenta ganhar aceitação dos europeus, e de U Po Kyin, um magistrado corrupto que usa intrigas para subir na vida, mostra como a dominação colonial destrói a solidariedade social e incentiva a atomização e a competição destrutiva entre os nativos. Embora o colonialismo não seja, para Arendt, idêntico ao totalitarismo — pois este último busca a transformação total da natureza humana, enquanto o primeiro busca principalmente a exploração e o controle — *Dias na Birmânia* mostra como as raízes da dominação totalitária, como a desconsideração pela lei, a desumanização do outro e o uso do poder como fim em si mesmo, já estavam presentes na experiência colonial (2011).

7 CONCLUSÃO

Este artigo buscou demonstrar como as obras de George Orwell — *1984*, *A Revolução dos Bichos* e *Dias na Birmânia* — ganham uma profundidade analítica singular quando interpretadas à luz da teoria do totalitarismo desenvolvida por Hannah Arendt. Embora Orwell seja um artista da ficção e do relato pessoal, e Arendt uma teórica política e filósofa, suas reflexões convergem em pontos cruciais, oferecendo uma compreensão complementar e robusta de um dos fenômenos mais devastadores do século XX.



Vimos que, em 1984, Orwell dá corpo e experiência vivida aos conceitos abstratos de Arendt: a atomização das massas se materializa na vigilância constante e no isolamento dos cidadãos da Oceânia; a destruição da esfera pública se manifesta na substituição do debate político por rituais de adoração ao Grande Irmão; a manipulação da verdade se torna tangível no trabalho de Winston no Ministério da Verdade e na criação da novilíngua; e o terror sistemático é encarnado pela Polícia do Pensamento e pelos campos de concentração.

Em *A Revolução dos Bichos*, a lente arendtiana ilumina o processo de corrupção da revolução, mostrando como a liberdade inicial pode ser transformada em dominação por meio da usurpação do poder, da destruição da memória coletiva e da atomização dos indivíduos. Já em *Dias na Birmânia*, a conexão feita por Arendt entre imperialismo e totalitarismo encontra uma poderosa ilustração literária, revelando como as práticas de dominação, desigualdade e hipocrisia no contexto colonial anteciparam e prepararam o terreno para os regimes totalitários.

A relevância deste diálogo entre Orwell e Arendt transcende o contexto histórico em que suas obras foram escritas. Em um mundo contemporâneo marcado por novas formas de autoritarismo, manipulação da informação, vigilância massiva e erosão da esfera pública, as reflexões desses dois autores permanecem extremamente atuais. Orwell, com sua capacidade de tornar o abstrato concreto e ameaçador, e Arendt, com sua análise rigorosa dos mecanismos de poder e liberdade, nos fornecem ferramentas indispensáveis para pensar a política, a verdade e a condição humana. Juntos, eles nos lembram que o totalitarismo não é um fenômeno do passado distante, mas uma possibilidade sempre presente que exige vigilância constante, pensamento crítico e a coragem de defender a esfera pública onde a liberdade pode se manifestar.

REFERÊNCIAS

- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a Revolução**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.
- ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.
- ORWELL, George. **Dias na Birmânia**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ORWELL, George. **Ensaio**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.